

DOCUMENTAÇÃO

Muito circo e pouco pão

Dirigentes da FIFA detidos por suspeitas de vender os seus votos na escolha da sede para um Mundial de futebol. Antes, a mesma acusação contra o COI na adjudicação da Olimpíada de Inverno de 2002. Os maiores eventos desportivos do mundo movimentam muito dinheiro, e independentemente dos casos de corrupção, tem de se perguntar se a escalada de despesa que foi imposta neles, é justificada pela sua contribuição para o bem comum.

Cidades e países rivalizam para organizar estes fastos desportivos convencidos de que serão um potente motor do desenvolvimento. Durante a competição, uma maré de visitantes gastará grandes somas em hotéis, restaurantes e lugares de recreio, com benefício indireto para outros setores. Ser o centro da atenção mundial durante algumas semanas dá um prestígio que depois atrairá turistas e investidores, e dará um forte impulso ao comércio externo. A construção de instalações desportivas e hoteleiras, assim como de infraestruturas de transporte, criará milhares de empregos. A Vila Olímpica será depois um complexo de habitações sociais onde antes se erguiam barracas ou fábricas abandonadas. No final, haverá uma cidade mais moderna, mais bonita, mais rica, mais verde.

Essa é a teoria. Se as contas forem feitas, verifica-se que tão felizes perspectivas se cumpriram muito poucas vezes. Mostra-o Andrew Zimbalist, economista do desporto, no seu livro “Circus Maximus. The Economic Gamble Behind Hosting the Olympics and the World Cup”, Brookings Institution Press, Washington, D.C., 2015, 175 págs. A herança de uma Olimpíada ou de um Campeonato Mundial de futebol costuma consistir numa pesada dívida que custa vinte ou trinta anos a satisfazer, com base em mais impostos ou em menos serviços públicos; estádios monumentais que não há maneira de serem aproveitados e que custam milhões na sua manutenção; um efeito inestimável no emprego e no rendimento; maior desigualdade social, devido ao encarecimento da habitação nos bairros reformados, que passam a ser ocupados por pessoas com mais dinheiro.

Isso não significa a ruína geral. Alguns ganham muito: o Comité Olímpico Internacional (COI), a Federação Internacional de Futebol (FIFA), as empresas e sindicatos da construção civil, os bancos de investimentos, as companhias de seguros, os gabinetes de arquitetura, as televisões.

Espiral de gasto

Muito menos, afirma Zimbalist, é impossível obter os lucros gerais desejados. O balanço foi positivo algumas vezes, especialmente nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984) e Barcelona (1992). Mas isso exige condições favoráveis e um cuidadoso planeamento. À falta disso, impõem-se os fatores que incitam a um desperdício impossível de compensar.

De facto, organizar estas competições sai cada vez mais caro. O custo do Mundial de futebol, que nos anos 90 se situava em centenas de milhões de dólares, subiu para 5000-6000 milhões na África do Sul (2010) e 15 000-20 000 milhões no Brasil (2014). O Qatar, a sede escolhida para 2022, gastará muito mais. Os Jogos Olímpicos de Pequim (2008) custaram 40 000 milhões de dólares; os de Londres (2012), 15 000-20 000; os Jogos de Inverno em Sochi (Rússia) em 2014, mais de 50 000. (Os totais são maiores ou menores, consoante se contem ou não as infraestruturas não desportivas e outros gastos indiretos.)

Cada rival tenta aumentar as suas possibilidades de ganhar, oferecendo o projeto mais grandioso. Por exemplo, para os Jogos de 2020, o COI afastou Madrid, que tinha previsto aproveitar instalações existentes com um orçamento de 1900 milhões de dólares – um dos mais baixos da história olímpica recente –, e decidiu-se por Tóquio, cuja proposta incluía um esplêndido estádio e uma vila olímpica de instalações novas, a um custo de 6000 milhões no total.

Além disso, o gasto final costuma superar em muito o previsto. Por um lado, entre o orçamento e a execução medeiam vários anos de inflação, e a própria febre de construção faz subir os preços dos materiais e serviços. Por outro lado, as obras atrasam-se sempre – por causa de defeitos de planeamento, do mau tempo, dos conflitos laborais...–, e a pressa posterior é paga, porque os fornecedores e empreiteiros pedem mais. Os estádios para o Mundial do Brasil (2014), orçamentados em 1100 milhões de dólares, custaram no final 4700 milhões.

Elefantes brancos

Mas o que mais faz disparar a despesa é a megalomania, que aumentou a partir da decidida oferta dos BRICS: China (Olimpíada de 2008), África do Sul (Mundial de 2010), Brasil (Mundial de 2014 e Olimpíada de 2016), Rússia (Olimpíada de Inverno de 2014 e Mundial de 2018).

À partida, fazem falta grandes meios. Os Jogos Olímpicos de Verão exigem mais de trinta instalações para os diversos desportos. A FIFA exige ao país organizador do Mundial um mínimo de oito estádios modernos: um com pelo menos 60 000 lugares para o desafio inaugural, outro com pelo menos 80 000 para a final, e mais seis com 40 000. Os Mundiais realizados nos Estados Unidos (1994), França (1998) e Alemanha (2006), onde já havia grande parte das instalações necessárias, custaram menos de mil milhões de dólares. Mas outros países têm de gastar muito mais, porque não as têm e, por isso mesmo, após a competição acabam com grandes construções sem utilização e muito dispendiosas de manter: os chamados “elefantes brancos”.

Exemplos de elefantes brancos são os vinte estádios erguidos ou renovados para o Mundial do Japão e da Coreia do Sul (2002), que na sua maioria caíram em desuso. Outro é o “ninho de pássaro”, o fabuloso estádio olímpico de Pequim 2008, com capacidade para 90 000 pessoas, que custou 460 milhões de dólares e que hoje apenas recebe atos esporádicos.

Talvez o caso mais nocivo de megalomania seja o último Mundial de futebol. O Brasil prometeu doze estádios para os jogos do campeonato, nove dos quais novos, e destes, sete onde já havia outros antigos, que tiveram primeiro de ser demolidos. Quatro dos novos estádios foram construídos em cidades sem equipa de futebol da primeira divisão. Manaus, onde o clube local atrai uma média de 1500 adeptos por jogo, tem agora um estádio para 42 000. Pelo contrário, ficaram sem outras obras previstas para o Mundial mas abandonadas: uma estação de tratamento de águas residuais e um comboio monorrelétrico para o transporte urbano.

Os turistas deixam pouco dinheiro

A afluência de visitantes não compensa tanto gasto. Não é realista esperar fortes subidas apenas devido a um Mundial ou a uma Olimpíada, e as baixas são perfeitamente possíveis. Em 2008, ano da Olimpíada de Pequim, a China recebeu quase dois milhões menos de turistas (-6,8 %). Também foram menos estrangeiros a Londres durante os Jogos de 2012. Embora Mundiais e Olimpíadas atraiam muitos adeptos, também afastam turistas habituais e homens de negócios, que preferem evitar as obras, os preços mais altos, as maiores medidas de segurança.

E embora haja mais visitantes, não deixam necessariamente muito dinheiro na economia local. A receita dos estádios vai em grande parte para o COI ou para a FIFA. E os adeptos que pagam entradas, gastam pouco em museus e outras atrações permanentes da cidade ou do país. O gasto total em alojamento e comida, que Zimbalist estima em menos de 500 milhões de dólares para uma Olimpíada, é pouco em comparação com os investimentos feitos para organizá-la, e em parte não é ganho líquido, devido à substituição de turistas comuns por turistas desportivos.

A principal receita imediata de Jogos Olímpicos ou de um Mundial de futebol consiste no que pagam as televisões para transmitir a competição, nos patrocínios e na publicidade. Mas

só uma parte modesta fica na economia local. Dos direitos de antena numa Olimpíada, que registaram um forte aumento desde os 287 milhões de dólares de Los Angeles (1984) aos 2600 milhões em Londres (2012), o COI arrebatou 51 %, e o comité organizador, o restante.

Balanço a longo prazo

Para saber se é rentável organizar Jogos Olímpicos ou um Mundial de futebol, têm de ser calculados os efeitos económicos a longo prazo. Embora algumas Olimpíadas, como a de Londres, tenham fechado com um balanço operacional positivo, isso não pode compensar os grandes gastos efetuados e as dívidas contraídas. O fundamental é saber se os investimentos realizados a propósito do evento são adequados às necessidades de infraestruturas e desenvolvimento da sede, e se há benefícios duradouros no turismo e na atividade económica geral.

Zimbalist cita um estudo sobre os resultados a longo prazo das Olimpíadas. Em 16 casos, não se constatou um efeito significativo no rendimento e no emprego; em 7 casos, houve um efeito positivo, bastante modesto e a curto prazo; noutros 3 casos, o efeito foi negativo. Portanto, salienta Zimbalist, deve pensar-se muito bem no que se vai fazer, antes de concluir que organizar uma Olimpíada ou um Mundial de futebol é um bom procedimento para impulsionar o desenvolvimento de uma cidade ou de um país. “Isso pode estar certo em teoria, e mesmo na prática, mas exige um planeamento muito cuidadoso e inteligente, algo que brilha pela sua ausência” em muitos casos.

Há razões para fazer perguntas, como o fez Zimbalist: “Se em vez de gastar quase 5000 milhões de dólares a desmantelar estádios para construir novos, ou a renovar instalações existentes, o Brasil tivesse gasto esse dinheiro em redes de transporte público nas suas principais cidades, ou em linhas férreas para as ligar entre si, que consequências teria tido para a economia brasileira?”.

Maior desigualdade

Um dos objetivos da Olimpíada de 2012 era reerguer East London, antiga e decadente zona industrial e portuária. Mas o que trazem Jogos Olímpicos ou um Mundial de futebol não serve diretamente para as necessidades dos pobres, e a consequente renovação urbana pode jogar contra eles, ao elevar os preços da habitação. Zimbalist recorda o balanço de Londres 2012 feito por Gavin Poynter, professor da Universidade de East London: um estádio de que East London não precisava; hotéis de 4 e 5 estrelas que não lhe faziam falta, e promoções imobiliárias de alto nível e elevados preços de que muito menos precisavam.

Igualmente a Olimpíada de Barcelona, modelar nos restantes aspetos, provocou uma “redistribuição dos níveis de vida em prejuízo da população com baixos rendimentos”. Além disso, a organização do evento significa, muitas vezes, um desvio de recursos em detrimento de necessidades sociais básicas. Provavelmente, pensa Zimbalist, far-se-ia muito mais a favor de East London se, em vez de construir uma cidade olímpica, se

tivessem dado subsídios ou deduções fiscais às pequenas indústrias e estabelecimentos comerciais, ou mais dinheiro para a formação profissional.

Protestos populares

Impõe-se um corte orçamental nestes eventos. Para isso, diz Zimbalist, COI e FIFA deveriam aceitar estádios mais modestos, apoiar a repetição de sedes, estudar as candidaturas que melhor se ajustam às necessidades de desenvolvimento da cidade ou do país e partilhar uma maior quota dos benefícios (após o Mundial do Brasil, os fundos da FIFA ultrapassaram os 2000 milhões de dólares).

Mas o dispêndio ainda pode continuar durante algum tempo, porque restam alguns países dispostos a fazê-lo. Depois da retirada de Cracóvia, Estocolmo, Lviv e Oslo, para a Olimpíada de Inverno de 2022, só já competem Pequim e Almaty. Pode ter razão um relatório de 2012 encomendado pelo governo holandês: daqui para a frente, dizia, é provável que as Olimpíadas sejam sempre efetuadas em países não democráticos, pois são os que “têm o poder centralizado e o dinheiro para organizá-las”. É significativo que Vladimir Putin tenha defendido a FIFA: segundo ele, as acusações de corrupção na escolha de sedes para o Mundial de futebol encobrem um ataque à Rússia, organizadora do próximo.

Noutros países, estes eventos começaram a ser impopulares. Os protestos do ano passado no Brasil contra os gastos do Mundial de futebol, assinalam uma mudança de tendência, na opinião de Zimbalist. O governador de Tóquio viu-se forçado a diminuir os planos para os Jogos Olímpicos de 2020, pois o público pressiona para que se utilize o estádio olímpico existente (que foi construído para os Jogos Olímpicos de 1964) em vez de fazer um novo.

Até agora, conclui Zimbalist, “os eleitores aceitaram o circo e a promessa de pão. Se pedem o próprio pão, como no Brasil, os políticos terão de tomar nota”.

R.S.

A fórmula Barcelona

A Olimpíada de Barcelona (1992) é um exemplo de boa organização, com resultados benéficos para a cidade. Zimbalist dedica-lhe um capítulo em que a compara aos Jogos de Inverno em Sochi (2014), o caso extremo de desperdício.

Um elemento fundamental em Barcelona foi que a cidade tinha um plano de desenvolvimento anterior à Olimpíada, e esta última foi colocada ao serviço do plano. Por exemplo, das 37

instalações desportivas usadas nos Jogos, já existiam 27 e outras 5 estavam em construção.

As administrações públicas e as empresas colaboraram estreitamente. 60 % do financiamento foi privado. A gestão foi inteligente e eficaz.

O sucesso de Barcelona deveu-se também a circunstâncias favoráveis que não existem em todo o lado. A cidade tinha um enorme atraso de investimentos em infraestruturas, pelo que grande parte das obras que foram feitas para as Olimpíadas, teriam de ter sido feitas de qualquer maneira. Tal como a Espanha, em geral, conhecia há vários anos a estagnação económica, pelo que o grande investimento em infraestruturas e serviços propiciou muitos empregos sem provocar forte inflação.

Barcelona tinha um grande potencial turístico, apagado por falta de investimentos; renovada por ocasião da Olimpíada, continuou depois a receber cada vez mais visitantes, atraídos pela oferta cultural, artística, de lazer. As noites nos hotéis subiram de 4000 milhões em 1991, para 5700 milhões em 1995, e quase duplicaram em cada quinquénio seguinte, até 15 300 milhões em 2010. É o maior aumento registado numa cidade europeia nesses anos.

Em contraste, Sochi não tinha plano antes dos Jogos, teve de ser feito tudo a partir do zero, com financiamento na sua maior parte público. Sochi não tinha precedentes na prática de desportos de inverno: era um lugar tradicional de veraneio nas margens do mar Negro, e pretendeu-se convertê-lo numa atração para todo o ano, aproveitando as montanhas próximas, onde nem sequer está assegurada a neve em todo o inverno (o mesmo problema tem para 2022 a candidatura de Pequim). Por último, a gestão foi muitas vezes desajeitada e corrupta.

Resumindo, diz Zimbalist, “Barcelona aproveitou a Olimpíada, não o inverso”.

R. S.